

WORKSHOP FORMATIVO - ALFABETIZAÇÃO INCLUSIVA: ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NOS ANOS INICIAIS

TRAINING WORKSHOP – INCLUSIVE LITERACY: STRATEGIES FOR INCLUDING CHILDREN WITH AUTISM
SPECTRUM DISORDER (ASD) IN THE EARLY YEARS

DOI: 10.16891/2317-434X.v14.e1.a2026.idMEPESA30

Recebido em: 04.12.2025 | Aceito em: 13.12.2025

Adriana Romão Moreira de Souza^a
Emília Suítberta de Oliveira Trigueiro^a

Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio^a

**E-mail: emiliasuitberta@leaosampaio.edu.br*

RESUMO

A inclusão escolar constitui um princípio fundamental do direito à educação e exige uma mudança de paradigma que vá além da simples matrícula de estudantes com deficiência, demandando transformações culturais, pedagógicas e institucionais. No Brasil, políticas como a Política Nacional de Educação Especial (2008), o Plano Nacional de Educação (2014–2024) e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) ampliaram a presença de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas classes comuns, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, a alfabetização se apresenta como etapa crítica, requerendo metodologias flexíveis, mediação pedagógica adequada e compreensão das especificidades cognitivas, sensoriais e comunicativas do aluno com TEA. Fundamentada em autores como Vygotsky, Freire e Mantoan, a pesquisa busca compreender as percepções docentes sobre práticas inclusivas e desafios enfrentados no primeiro ano, identificando lacunas formativas e estratégias exitosas. O estudo foi desenvolvido em uma escola privada do município do Crato-CE, cuja proposta socioconstrutivista favorece a inclusão, mas ainda enfrenta dificuldades estruturais e pedagógicas. Por meio de observações, entrevistas e rodas de conversa, constatou-se que os professores demonstram empenho, porém carecem de apoio, formação específica e estratégias para lidar com comportamentos desafiadores e adaptar o processo de alfabetização. Como resposta, será desenvolvido o workshop "Alfabetização Inclusiva", destinado a docentes do 1º ao 3º ano, com o objetivo de promover reflexão, diálogo e formação prática. Os resultados reforçam a importância de ações formativas que considerem a realidade escolar e fortaleçam práticas inclusivas sensíveis, colaborativas e contextualizadas.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Alfabetização; Transtorno do Espectro Autista; Formação docente; Mediação pedagógica.

ABSTRACT

School inclusion is a fundamental principle of the right to education and requires a paradigm shift that goes beyond the mere enrollment of students with disabilities, demanding cultural, pedagogical, and institutional transformations. In Brazil, policies such as the National Special Education Policy (2008), the National Education Plan (2014–2024), and the Statute of the Person with Disabilities (2015) have expanded the presence of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in general education classrooms, particularly during the early years of elementary school. In this context, literacy acquisition emerges as a critical stage, requiring flexible methodologies, appropriate pedagogical mediation, and an understanding of the cognitive, sensory, and communicative specificities of students with ASD. Grounded in the work of authors such as Vygotsky, Freire, and Mantoan, this research seeks to understand teachers' perceptions regarding inclusive practices and the challenges faced during the first year of schooling, identifying gaps in training as well as successful strategies. The study was conducted at a private school in the municipality of Crato, Ceará; while the school's socio-constructivist approach fosters inclusion, it still faces structural and pedagogical difficulties. Through observations, interviews, and discussion circles, it was found that teachers demonstrate commitment but lack support, specific training, and strategies for managing challenging behaviors and adapting the literacy process. In response, an "Inclusive Literacy" workshop will be developed for teachers of grades 1 through 3, aiming to promote reflection, dialogue, and practical training. The results reinforce the importance of training initiatives that take the school reality into account and strengthen inclusive practices that are sensitive, collaborative, and contextualized.

Keywords: Inclusive education; Literacy; Autism Spectrum Disorder; Teacher training; Pedagogical mediation.

INTRODUÇÃO

O produto técnico-pedagógico a ser desenvolvido será um workshop formativo intitulado **“Alfabetização Inclusiva: Estratégias para a Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos Anos Iniciais”**, voltado a professores do 1º ao 3º ano, servirá como instrumento de devolutiva e de transformação prática. Esse workshop será estruturado a partir das evidências empíricas obtidas na pesquisa e pretenderá proporcionar espaços de diálogo, troca de experiências e construção de saberes coletivos, valorizando o docente como protagonista do processo educativo.

A educação inclusiva é reconhecida mundialmente como uma conquista civilizatória e um princípio estruturante do direito à educação. No contexto brasileiro, esse paradigma emerge a partir de uma mudança de perspectiva que abandona o modelo assistencialista e médico, voltado à deficiência, para afirmar um modelo social e educacional de inclusão, no qual a escola é chamada a reconhecer, valorizar e acolher a diferença como elemento constitutivo do processo de ensino e aprendizagem.

O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações nos domínios da comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (BOSA, 2002). Cada criança com autismo é singular, apresentando diferentes níveis de suporte e modos de interação. Essa heterogeneidade implica uma prática pedagógica flexível e personalizada, que envolva o uso de estratégias de mediação simbólica, recursos visuais, tecnologias assistivas e planejamento colaborativo. Mais do que dominar técnicas, o professor precisa compreender a criança em sua totalidade, reconhecendo suas formas próprias de expressão e de aprendizagem.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, particularmente do primeiro ao terceiro ano, o desafio da inclusão se intensifica. É nessa etapa que ocorre o processo de alfabetização, etapa fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social, pois permite à criança ingressar no mundo da linguagem escrita, elemento essencial para a construção da autonomia e da participação cidadã. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a alfabetização é um processo de construção ativa, no qual a criança formula hipóteses sobre o funcionamento da

língua escrita e, com base nas interações sociais e nas mediações do professor, avança na compreensão de seu uso e significado. No caso de crianças com TEA, esse processo requer adaptações metodológicas, considerando as especificidades cognitivas e comunicativas desses estudantes.

Muitos professores relatam dificuldades em adaptar as atividades, lidar com comportamentos desafiadores e conduzir o processo de alfabetização de alunos autistas sem o apoio necessário da equipe gestora ou de profissionais especializados (GOMES; LIMA, 2016). A ausência de formação específica e a falta de políticas de acompanhamento pedagógico agravam o sentimento de impotência e frustração, o que pode repercutir negativamente na relação professor-aluno e na eficácia das práticas educativas (GATTI, 2009).

Considera-se, ainda, que o processo de alfabetização de alunos com TEA poderá ocorrer de forma fragmentada e pouco sistemática, em virtude da predominância de metodologias tradicionais e do desconhecimento de abordagens mais flexíveis e interativas, fundamentadas em princípios socioconstrutivistas (VYGOTSKY, 1991; FREIRE, 1996). É esperado que os professores, embora reconheçam a importância da inclusão, reproduzam práticas adaptativas mínimas, pautadas no improviso e na tentativa de acomodar as demandas desses alunos às rotinas escolares preexistentes (MANTOAN, 2003; GATTI, 2009).

Diante desse cenário exposto, torna-se importante investigar as percepções docentes sobre as práticas e os desafios vivenciados na inclusão de crianças com TEA no primeiro ano do Ensino Fundamental. Compreender essas percepções permitirá identificar lacunas na formação inicial e continuada, além de mapear estratégias e experiências bem-sucedidas que possam inspirar novas práticas pedagógicas. Mais do que diagnosticar problemas, o estudo pretenderá contribuir para a construção de soluções formativas, fortalecendo o protagonismo do professor e ampliando sua capacidade de intervenção pedagógica.

A escolha deste tema resulta de uma trajetória pessoal e profissional da pesquisadora, marcada pela atuação nas áreas da Psicologia e da Educação. O contato cotidiano com professores, alunos e famílias permitiu-lhe observar de forma direta as dificuldades enfrentadas no

processo de alfabetização de crianças com TEA, tanto no âmbito das práticas pedagógicas quanto no campo da formação docente. A vivência como professora universitária e como profissional da saúde consolidou o compromisso com a inclusão e a aprendizagem de todos os sujeitos, tornando o mestrado um espaço de aprofundamento teórico e metodológico para transformar essa experiência em conhecimento científico.

Do ponto de vista acadêmico, o produto contribuirá para preencher uma lacuna existente entre as produções sobre educação inclusiva e os estudos específicos sobre alfabetização de crianças com TEA. Embora existam trabalhos que tratem da inclusão de pessoas com deficiência, poucos articulam essa discussão ao processo de alfabetização nos anos iniciais, onde a mediação pedagógica e o vínculo afetivo são determinantes para o sucesso escolar. Conforme indicam Gatti (2009) e Gomes e Lima (2016), ainda há carência de pesquisas que aproximem a formação docente das realidades práticas da sala de aula inclusiva, especialmente em contextos municipais e regionais, como o do Cariri cearense.

A literatura aponta que os cursos de formação inicial não contemplam de modo sistemático os conteúdos necessários à atuação em contextos inclusivos (Mantoan, 2006; Amaral, 2017). Desta forma, este estudo pretenderá avançar na compreensão das percepções docentes sobre os desafios e potencialidades de suas práticas, fornecendo subsídios teóricos e metodológicos que poderão contribuir para a formação de novos professores e para a reformulação de programas de capacitação.

No campo social, a pesquisa buscará promover reflexões sobre a efetividade das políticas públicas voltadas à educação inclusiva, questionando até que ponto a universalização do acesso escolar tem se traduzido em práticas pedagógicas que garantam, de fato, o direito de aprender. Como assinala Mantoan (2003), incluir não é apenas permitir o ingresso do aluno com deficiência na escola, mas assegurar-lhe condições reais de participação, interação e desenvolvimento. Ao investigar as percepções docentes, o estudo permitirá identificar entraves e propor caminhos para fortalecer a cultura inclusiva, contribuindo com a construção de uma escola que reconhece a diferença como potência e não como obstáculo.

Diante desse cenário exposto, torna-se importante investigar as percepções docentes sobre as práticas e os desafios vivenciados na inclusão de crianças com TEA no primeiro ano do Ensino Fundamental. Compreender essas percepções permitirá identificar lacunas na formação inicial e continuada, além de mapear estratégias e experiências bem-sucedidas que possam inspirar novas práticas pedagógicas. Mais do que diagnosticar problemas, o estudo pretenderá contribuir para a construção de soluções formativas, fortalecendo o protagonismo do professor e ampliando sua capacidade de intervenção pedagógica.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) consolidou esse compromisso ao estabelecer que todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, cognitivas, sensoriais ou emocionais, têm direito de aprender juntas em um ambiente escolar comum, com acesso à aprendizagem, à convivência e à participação plena. Apesar dos avanços legais e conceituais conquistados nas últimas décadas, a efetivação da inclusão escolar ainda se revela um desafio para as redes de ensino e, principalmente, para os professores que vivenciam cotidianamente as tensões entre o discurso político e as condições reais de trabalho. Maria Teresa Mantoan (2003) argumenta que a inclusão exige não apenas abrir as portas das escolas, mas reorganizar a cultura, as práticas e as políticas escolares a partir do princípio da diversidade como valor pedagógico. Essa mudança de paradigma requer um processo contínuo de formação docente, de transformação institucional e de diálogo entre os diferentes atores da comunidade escolar, gestores, professores, estudantes e famílias, sob pena de a inclusão se limitar à matrícula formal, sem promover aprendizagem efetiva.

No Brasil, a consolidação de políticas voltadas à inclusão, como o Plano Nacional de Educação (2014–2024) e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), ampliou o número de alunos público-alvo da Educação Especial matriculados em classes comuns, provocando profundas transformações nas práticas pedagógicas e exigindo novos saberes profissionais. Entre esses grupos, destaca-se o das crianças com Transtorno do

Espectro Autista (TEA), cuja presença nas escolas de ensino regular vem crescendo significativamente, tanto na rede pública quanto na privada, demandando abordagens específicas e sustentadas em evidências científicas (AMARAL, 2017).

A mediação pedagógica torna-se, portanto, um fator decisivo. Inspirando-se em Lev Vygotsky (1991), compreende-se que a aprendizagem ocorre no contexto da interação social, por meio da linguagem e da cultura, e que o desenvolvimento cognitivo é potencializado quando o aprendiz é apoiado dentro de sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Essa concepção permite reconhecer que toda criança, inclusive aquela com autismo, é capaz de aprender desde que lhe sejam proporcionadas experiências significativas, desafiadoras e ajustadas às suas possibilidades. Desse modo, o papel do professor é o de mediador e organizador de contextos de aprendizagem, articulando saberes pedagógicos e sensibilidade humana para promover o desenvolvimento global do estudante.

A perspectiva de Paulo Freire (1996) reforça essa concepção ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção”. A prática docente, nesse sentido, não se limita à transmissão de conteúdos, mas constitui um ato ético, político e amoroso. Ao trabalhar com alunos com TEA, o educador precisa acolher a diferença, compreendendo que a escuta e o diálogo são instrumentos indispensáveis para construir uma educação verdadeiramente libertadora. Assim, a inclusão deve ser entendida como processo e compromisso, e não como um evento pontual ou uma exigência burocrática. No entanto, o cotidiano escolar ainda revela tensões entre o ideal inclusivo e a prática concreta.

O workshop formativo intitulado “**Alfabetização Inclusiva: Estratégias para a Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos Anos Iniciais**” constitui o produto educacional resultante da dissertação e tem como principal objetivo capacitar professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas particulares do município do Crato, no Ceará, para planejar e aplicar práticas pedagógicas inclusivas voltadas à alfabetização de alunos com TEA. A proposta busca contribuir para o aprimoramento das competências docentes, o fortalecimento da educação inclusiva e a

construção de estratégias eficazes que promovam o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

O público-alvo do workshop compreende professores regentes do 1º ao 3º ano. A formação será realizada em formato presencial, com carga horária total de 12h horas, sendo distribuídas em 3 dias com 4h cada. Entre os objetivos específicos do workshop, destacam-se: compreender as características do TEA e suas implicações no processo de alfabetização; planejar atividades de leitura e escrita adaptadas às necessidades dos alunos; utilizar recursos e tecnologias assistivas que ampliem as possibilidades de aprendizagem; construir rotinas e instrumentos de avaliação formativa; promover o trabalho colaborativo com equipe multiprofissional e família; e refletir criticamente sobre a própria prática pedagógica, elaborando planos de ação contextualizados à realidade escolar.

O conteúdo programático é estruturado em 3 módulos interligados. O primeiro aborda fundamentos teóricos sobre o TEA e suas repercussões na alfabetização, discutindo mitos, desafios e aspectos sensoriais, comunicativos e comportamentais, tratando da observação e da avaliação pedagógica, com foco em instrumentos simples de registro e acompanhamento do progresso dos alunos. O segundo concentra-se no planejamento de aulas inclusivas, oferecendo exemplos práticos de sequências didáticas adaptada e na exploração de estratégias e recursos pedagógicos, incluindo o uso de materiais visuais, jogos, suportes táteis e ferramentas digitais. O terceiro discute a gestão da sala de aula e estratégias de regulação comportamental, enfatizando o reforço positivo e a construção de rotinas previsíveis e por fim, incentiva o trabalho colaborativo, a comunicação com famílias e profissionais de apoio, culminando na elaboração coletiva de um plano de ação a ser implementado nas escolas.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Promover a formação continuada de professores dos anos iniciais para qualificar as práticas de alfabetização inclusiva, ampliando conhecimentos, competências e estratégias pedagógicas voltadas ao atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar.

Objetivos Específicos

- Compreender as características do TEA e suas implicações para o processo de alfabetização, fortalecendo a capacidade docente de identificar demandas comunicacionais, sensoriais, cognitivas e comportamentais que influenciam a aprendizagem.
- Desenvolver habilidades pedagógicas para planejar, adaptar e implementar estratégias de ensino acessíveis, promovendo uma alfabetização mais flexível, significativa e alinhada às necessidades individuais dos estudantes com TEA.
- Fortalecer a autoconfiança e a postura reflexiva dos professores, estimulando a troca de experiências, o trabalho colaborativo e a construção de uma cultura escolar inclusiva baseada no diálogo, acolhimento e práticas efetivas.

METODOLOGIA

Identificação do local do APP

A pesquisa para elaboração e aplicação do produto será em uma Escola Privada do município que já existe há mais de 20 anos, que contempla desde o Ensino Infantil até o Ensino Fundamental anos Finais. O produto será destinado a Professoras do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental. O Colégio Ágape é uma instituição de ensino que se destaca pelo compromisso com a formação integral dos estudantes, unindo desenvolvimento acadêmico, humano e social. Sua proposta pedagógica fundamenta-se em valores éticos, respeito às individualidades e estímulo à autonomia, criando um ambiente acolhedor que favorece a aprendizagem significativa.

Infraestrutura

Prática Inclusiva

A metodologia do Colégio Ágape é descrita no site da escola como *socioconstrutivista*, com foco em “explorar e descobrir todas as suas possibilidades” e dar

sentido prático ao conhecimento. Essa abordagem pode favorecer a inclusão de diferentes perfis de alunos, pois valoriza a autonomia, o diálogo e a adaptação do aprendizado às realidades individuais. A proposta pedagógica do colégio menciona explicitamente princípios como “cooperação”, “respeito mútuo” e “desenvolvimento das competências”, o que sugere uma base para cultura escolar mais acolhedora. Há também ênfase na formação integral do aluno: “aprender a ser, aprender a conviver”, valores que são compatíveis com uma visão inclusiva.

Estrutura Organizacional

A equipe é composta por Direção Pedagógica, Direção Financeira; 4 coordenadoras, 2 auxiliares de coordenação; 1 psicóloga; mais de 50 Professores; 3 Técnicos em Informática; 7 auxiliares de limpeza; 2 segurança, 4 secretárias, 2 recepcionistas.

Funcionamento das Atividades Realizadas

Foram realizadas inicialmente conversas com a direção da escola para explicar o tema da pesquisa do mestrado, como também o produto o qual desejo desenvolver. Após a autorização das mesmas, foram realizadas conversas informais com os Professores do Primeiro, Segundo e Terceiro ano do Ensino Fundamental com o objetivo de entender o processo formativo individual e as dificuldades que cada um enfrenta atualmente em sala de aula, como também as suas experiências. Entender a estatística desse público, ou seja, de crianças que estejam dentro do Espectro Autista, dentro do contexto escolar Ágape. Conhecer a Infraestrutura da escola também foi um dos objetivos desses primeiros contatos com a instituição, buscando compreender de o local abrange o que é necessário para uma instituição de ensino. Conversas também com as coordenadoras para entender as dificuldades e as facilidades que a escola e os professores oferecem de acordo com o ponto de vista delas. Posteriormente as visitas escolares se consolidaram em momentos de estudos com bases em referências bibliográficas para compreender melhor as pesquisas já desenvolvidas com esse tema e buscar elaborar um produto inovador que contribua de fato com a necessidade atual desse público.

4.5 Métodos, técnicas e procedimentos utilizados

A visita escolar, realizada com o objetivo de compreender o contexto real vivenciado pelos professores do 1º ao 3º ano que trabalham com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), utiliza um conjunto articulado de métodos, técnicas e instrumentos que permitem captar a complexidade das práticas pedagógicas, das condições estruturais e das percepções docentes. Inicialmente, emprega-se o método observacional, que envolve a observação direta em sala de aula para analisar a organização do espaço, os estímulos sensoriais presentes, as interações entre professor e aluno com TEA, bem como as estratégias de alfabetização e as adaptações realizadas no cotidiano.

Outro método fundamental é a entrevista, em especial por meio de entrevistas livres com professores, coordenação pedagógica. Esse procedimento busca compreender percepções sobre inclusão, preparo docente, dificuldades no processo de alfabetização, apoio institucional e necessidades formativas.

Outro recurso metodológico importante é o mapeamento físico e organizacional da escola, que permite avaliar a acessibilidade, a existência (ou não) de salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a adequação dos ambientes para alunos que possuem sensibilidade sensorial, e os fluxos de circulação durante a rotina escolar.

Por fim, todos esses dados são integrados por meio da triangulação, garantindo maior confiabilidade e robustez ao diagnóstico ao cruzar informações provenientes de observações, entrevistas, rodas de conversa. Todo o processo deve obedecer aos princípios éticos da pesquisa educacional, assegurando consentimento informado, respeito ao sigilo e à privacidade dos sujeitos envolvidos, especialmente das crianças.

A realização do diagnóstico institucional sobre a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do Ensino Fundamental proporcionou uma série de aprendizados significativos, que dialogam diretamente com minha formação acadêmica e prática como psicóloga. Ao adentrar o contexto escolar, tornou-se evidente que a inclusão não se limita à presença física do aluno com TEA na sala de aula, mas envolve um conjunto complexo de fatores relacionais,

pedagógicos, emocionais e institucionais. Essa compreensão ampliada foi possível justamente pela lente psicológica que sustenta minha prática investigativa, permitindo que eu interpretasse o ambiente escolar não apenas como espaço de ensino, mas como sistema vivo, permeado por vínculos, afetos, demandas subjetivas e desafios cotidianos.

Um dos aprendizados mais importantes foi perceber que a escola, muitas vezes, enfrenta dificuldades em reconhecer as singularidades de cada criança com TEA, especialmente no que se refere à regulação emocional, ao processamento sensorial e à forma diferenciada de comunicação. Outro aprendizado relevante refere-se à dinâmica de trabalho dos professores. O diagnóstico revelou que muitos docentes demonstram esforço genuíno para incluir o aluno com TEA, mas ainda se sentem despreparados para realizar adaptações curriculares, manejar comportamentos desafiadores ou identificar necessidades específicas de aprendizagem.

Além disso, o diagnóstico mostrou a importância da interdisciplinaridade na construção de práticas inclusivas efetivas. A Psicologia, ao dialogar com a Pedagogia, contribui para formar um olhar integral sobre a criança, compreendendo que desenvolvimento cognitivo, emocional e social se inter-relacionam diretamente. Essa compreensão reforça que o processo de alfabetização de crianças com TEA exige estratégias pedagógicas alinhadas às necessidades psicoafetivas, e não apenas adaptações metodológicas isoladas.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que o workshop produza impactos positivos tanto na prática docente quanto na cultura escolar. O primeiro resultado esperado é o aprimoramento das competências pedagógicas das professoras participantes, especialmente no que diz respeito à adaptação de atividades, manejo comportamental e elaboração de estratégias de alfabetização adequadas às especificidades das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir das discussões e vivências apresentadas, as docentes devem ser capazes de planejar intervenções mais flexíveis, personalizadas e alinhadas aos princípios socioconstrutivistas.

Outro resultado esperado é a ampliação da compreensão sobre o TEA, de modo a reduzir

inseguranças, medos e interpretações equivocadas sobre comportamentos típicos do espectro. O Workshop busca fortalecer a autoconfiança docente, ao oferecer espaços de diálogo e troca de experiências que validem os desafios cotidianos e promovam o sentimento de pertencimento profissional. Além disso, espera-se o desenvolvimento de uma postura mais investigativa e colaborativa, incentivando as professoras a compartilharem práticas,

construírem soluções conjuntas e buscarem apoio institucional quando necessário.

Finalmente, prevê-se que o workshop contribua para consolidar uma **cultura escolar mais inclusiva**, capaz de integrar teoria e prática, promover o respeito às diferenças e fortalecer o compromisso coletivo com a aprendizagem de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Isabel. Inclusão de alunos com autismo: desafios e possibilidades. São Paulo: Wak Editora, 2017.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1355–1379, 2009.

GOMES, Renato; LIMA, Sônia Maria. Inclusão escolar e formação de professores: o desafio da prática docente. Revista Educação e Fronteiras, v. 6, n. 18, p. 63–77, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.